



História Unicap
ISSN 2359-2370

A obra de ficção científica *Duna* e a Idade Média: a utilização da literatura como incentivo para o ensino de história

*Sci-fi book *Dune* and the middle ages: using literature as an incentive for history teaching*

Marcos Antunes Kopstein*

marcoskopstein@hotmail.com

Marcio Tascheto da Silva**

tascheto@upf.br

Resumo:

O objetivo primordial deste trabalho é interligar uma obra literária de ficção científica, *Duna* de Frank Herbert, com o incentivo ao ensino de História, especificamente em se tratando do período histórico medieval. Apesar de ser uma obra ficcional, *Duna* possui diversos elementos e influências que abarcam várias características inerentes ao período medieval, como o feudalismo, a fragmentação política, credices, ascensão de uma nova religião encabeçada por um profeta, messianismo e controle econômico e social perpetrado por guildas/corporações. A proposta para construção do trabalho se embasa na pesquisa bibliográfica por intermédio de livros enfocados no período medieval e em análise documental. Dessa forma, torna-se interessante expor que ao ligar o ensino de História com o fomento à leitura de um clássico da ficção científica, estimula-se a prática pedagógica inovadora ensejada dentro de ambientes acadêmicos.

Palavras-chave:

Duna; Medievalismo; Ensino; Inovação.

Abstract:

*The main objective of this work is to interconnect a literary book of science fiction, *Dune* of Frank Herbert, with the teaching of History, specifically when dealing with the medieval historical period. Despite being a fictional work, *Dune* has several elements and influences that include several characteristics inherent to the medieval period, such as feudalism, political fragmentation, silly believes, rise of a new religion headed by a prophet, messianism and economic and social control perpetrated by guilds/corporations. The proposal for the construction of the work is based on bibliographical research through books focusing on the medieval period and the documentary analysis. In this way, it is interesting to show that by linking the teaching of History with the promotion of reading a classic science fiction, it stimulates the innovative pedagogical practice within academic environments.*

Keywords:

Dune; Medievalism; Teaching; Innovation.

*Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (UFN).

**Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Introdução

Atualmente o ensino demanda novas práticas pedagógicas e formas interativas para realização da aprendizagem em uma sala de aula. Utilizam-se também de vários métodos para apreender a atenção dos estudantes ou até mesmo ouvintes em geral.

Apesar disso, metodologias como utilização de filmes, literatura, teatro e artes em geral ainda estão em voga e são de grande importância para fomentar e auxiliar a aprendizagem e o ensino em qualquer área do saber.

Dessa forma, optou-se para a construção deste trabalho, o embasamento na literatura, especificamente na ficção científica, para atrair os estudantes a buscarem compreender melhor a formação histórica do mundo, a ascensão de uma religião e os movimentos radicais que se propiciaram do fanatismo religioso.

Assim, decidiu-se focar a obra do escritor americano Frank Herbert (1920-1986), *Duna*, especificamente no primeiro livro da saga lançado em 1965 de mesmo nome. Frisa-se que o livro, apesar de abarcar um ambiente ficcional em um universo e em planetas imaginários, trata de muitos aspectos acerca da história, principalmente do período medieval. Afirma-se isso, pois a obra trata de questões como o sistema feudal, formas de governo medievais, as guildas e corporações, a busca incessante pela especiaria chamada melange, a ascensão de uma religião monoteísta perpetrada por povos do deserto, para os quais a água era fundamental e o messianismo encabeçado pela figura de um líder carismático que muda toda a estrutura do mundo de *Duna*.

Dessa forma, antevê-se que, através da leitura da referida obra, pode-se interligá-la a tópicos de história como o medievalismo, a Rota de Seda, a ascensão dos povos árabes do Levante, a liderança de Maomé e o nascimento do Islamismo. Aliás, muitos desses aspectos históricos foram bases fundamentais para Herbert criar a ambientação de seu universo ficcional.

Ademais, através do fomento à interpretação de obras literárias ficcionais e não apenas didáticas, incentivam-se os estudantes a procurarem desenvolver mais a leitura e a buscar em “outros universos” compreender melhor o mundo e a realidade social que os cerca. Para além, pode-se ampliar o horizonte de conhecimentos que não apenas referentes ao estudo de História ou de Literatura, pois outros campos disciplinares podem ser abordados, tornando o aprendizado multidisciplinar, relacionando-se à temática com outras ciências do saber, como o estudo de Artes, de Sociologia, Filosofia, dentre outras áreas do conhecimento.

Assim sendo, este trabalho tem por intuito expor aspectos de um romance de ficção científica e como eles podem ser utilizados em sala de aula para explicar determinadas temáticas acerca do ensino de História.

Para mais, este ensaio é focado metodologicamente através do método dedutivo e na análise qualitativa de dados, que ensejaram as determinações doutrinárias e documentais, que têm por escopo abarcar aspectos concernentes ao entendimento do tema proposto. Além disso, a pesquisa de metodologia se dá por meio de análise bibliográfica, através de livros e da análise documental da referida obra literária, *Duna* de Frank Herbert. Dessa maneira, expõe-se que o trabalho se embasa nos estudos tanto da fonte primária, a obra, como em fontes secundárias, que ensinam o desenvolvimento e ampliação de conhecimentos acerca da proposta abarcada neste artigo.

Como utilizar a literatura para fomentar o ensino de História

Primeiramente, deve-se compreender a História como umas das áreas basilares do saber das ciências sociais e humanas, construída por intermédio da linguagem e ensejada pela constituição e análise de fatos relacionados a informações advindas do passado, sempre referenciada pela importância das fontes que a delimitam (BARROS, 2018).

Pode-se depreender que a conceituação de História abarca inúmeras definições, que não são objeto deste estudo, apesar disso, deve-se estipular a clara existência de uma correlação, como define Jacques Le Goff (1990, p. 4), “entre a história vivida, a história ‘natural’, senão ‘objetiva’, das sociedades humanas, e o esforço científico para descrever, pensar e explicar esta evolução, a ciência histórica”. Dessa forma, visualiza-se uma importante questão entre os acontecimentos que constroem e moldam a sociedade humana e a busca através de análises, estudos e pesquisas para se compreender satisfatoriamente esses fatos.

Intuindo aprimorar e facilitar as metodologias e práticas pedagógicas para impulsionarem o estudo e o ensino de História e seus mais diversos conteúdos programáticos, antevê-se claramente que a literatura pode ser e é uma grande aliada para ensinar nos estudantes a busca por maiores conhecimentos não só acerca de história, mas de praticamente todas as áreas do saber humano.

A literatura ainda detém papel fundamental na formação e desenvolvimento cultural de uma sociedade, representando as características básicas que denotam certas questões atinentes a costumes, ritos, ideias e compreensões acerca do mundo que rodeiam qualquer povo e comunidade em todo o decorrer da civilização humana (CANDIDO, 2006).

Para além, nesse sentido, conforme explana Antonio Candido (2006, p. 147), pode-se compreender a literatura como “fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos”. Sendo assim, frisa-se o papel fundamental da literatura para a formação não somente da sociedade humana, mas também das relações entre interpessoais, do desenvolvimento da vida social e da cultura de uma sociedade.

Sendo assim, “pensar o ensino de História na sua historicidade significa buscar, senão soluções definitivas, ao menos uma compreensão mais clara sobre o que significa, hoje, ensinar História nas escolas” (FONSECA, 2011, p. 7). Depreende-se disso que, no mundo contemporâneo, pautado pelas facilidades de acesso à informação decorrentes das tecnologias de comunicação, deve-se buscar um diferencial para estimular a Educação e a procura por maior qualificação de conhecimentos. Para mais, a literatura se mostra uma potencial ferramenta para tal estímulo dentro do ambiente educacional.

O fomento à leitura de obras literárias que abordam várias propostas, desde suspense à ficção científica, estimula os estudantes, algumas vezes de forma direta e de outras indiretamente, a procurarem mais acerca do que estão lendo, a desenvolverem um senso crítico e auxiliando-os inclusive a se localizarem na realidade social que os cerca. Culturalmente, denota-se metodologicamente a importância da literatura dentro da própria construção da História e de suas particularidades, visto que, elas seguem uma linha de estudos com similaridades, o que torna, assim, interessante coligá-las como incentivo ao ensino (BARROS, 2018).

Para além, afirma-se que toda e qualquer obra literária também carrega consigo aspectos referentes ao mundo em que seu escritor se encontra ou experiências que vivenciou ou “ouviu falar” por terceiros, sejam eles pessoas, livros ou meios tecnológicos como rádio, televisão e computadores. Dessa forma, pode-se depreender que todo livro dentro de suas páginas possui temas correlatos da sociedade em que ele se situa.

Portanto, para questões de compreensão da obra e para fomento da aprendizagem, deve-se “[...] analisar o conteúdo social das obras, geralmente com base em motivos de ordem moral ou política, redundando praticamente em afirmar ou deixar implícito que a arte deve ter um conteúdo deste tipo, e que esta é a medida do seu valor” (CANDIDO, 2006, p. 29).

Compreende-se que a literatura está ligada intrinsecamente com a sociedade humana e a cultura. Logo, antevêm-se as possibilidades de ensino e aprendizagem que uma obra literária pode suscitar, abordando os mais variados temas que podem ser debatidos em uma sala de aula entre alunos e professores.

Entretanto, não se pode esquecer que, apesar da clara correlação entre história e ficção, elas logicamente diferenciam-se no fato de que “a ficção é um discurso que informa do real, mas não pretende representa-lo [...] enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é” (CHARTIER, 2009, p. 24).

Dessa forma, objetiva-se utilizar de um instrumento para fomentar o estudo da história, mas nunca se esquecendo de que a ficção nunca pode substituir ou redefinir a história, pois ela é caracterizada pela busca da verdade como um exercício de conhecimento, o que não se reivindica quando se tratando de ficção e da literatura não acadêmica (CHARTIER, 2009).

O ensino inovador e que quebra a prática pedagógica de apenas exposição de conteúdo massificada e sem indicação de como aquela disciplina pode ser colocada num contexto de vivência prática em um mundo, seja ele real ou ficcional, transforma a aprendizagem. Seguindo esse pensamento, Maria Isabel da Cunha (2008, p. 468) explana:

Percebe-se que as inovações se materializam pelo reconhecimento de formas alternativas de saberes e experiências, nas quais imbricam objetividade e subjetividade, senso comum e ciência, teoria e prática, cultura e natureza, anulando dicotomias e procurando gerar novos conhecimentos.

Nos estudos de disciplinas de História, a literatura coordena essa transformação, pois, claramente, é um grande instrumento para interconectar o conteúdo programático com outros assuntos relacionados à arte, à vida e ao mundo em que se vive, ensejando essas formas alternativas de saberes tão importantes para implementação de práticas pedagógicas inovadoras.

Dessa maneira, procurou-se focar numa obra de ficção científica que aborda diversos elementos históricos que motivaram profundas e significativas mudanças no mundo, pois Duna de Frank Herbert detém vários elementos formadores do período medieval europeu e do nascente mundo islâmico no Oriente Médio.

Aliou-se o prazer da literatura, tanto para aficionados em obras de ficção científica ou para leitores que poderão conhecer uma obra-prima da literatura mundial, com estudos indiretos a respeito de elementos históricos reais interconectados num mundo fantástico em outros planetas e viagens interestelares.

Ainda, demonstra-se a importância que a literatura tem não somente para o ensino de História, mas através de suas características interdisciplinares, abarcar também vários segmentos do conhecimento e saber humanos.

Realça-se dessa maneira, como a estrutura literária detém papel enquanto função histórica. Pois, conforme se compreende dos ensinamentos de Antonio Candido (2006, p. 186):

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra.

Ademais, através da perscrutação do clássico literário *Duna*, claramente verifica-se a possibilidade de fomentar os estudos em História, acarretando num outro grande incentivo à leitura e à busca por ampliação de conhecimentos dentre os estudantes e acadêmicos em geral a respeito de várias temáticas históricas, aqui sob o enfoque a Idade Média em suas minúcias quanto ao modelo político, econômico e social vivenciado no período.

Portanto, num primeiro momento, analisam-se alguns elementos que revestem o universo de *Duna*, um pouco da história contada no livro e as peculiaridades de um mundo criado por Herbert, tão rico e intrincado política e socialmente.

Posteriormente, com base na análise do livro, predispõe-se do medievalismo presente na obra e sua importância para construção do referido universo de ficção científica, fazendo uma interconexão com aspectos históricos reais vivenciados no decorrer da Idade Média e sua utilização na própria obra, os quais podem ser utilizados para estudos relacionados ao ensino de História.

Explicando *Duna*

O primeiro livro da saga¹ do universo criado por Frank Herbert, denominado simplesmente como *Duna* (1965), será analisado em alguns aspectos neste trabalho, quanto a partes que podem servir de parâmetro para o ensino de História.

Duna se passa em um universo ficcional há milhares de anos do nosso tempo, onde o universo e uma infinidade de planetas habitáveis são governados por um sistema feudal, cujas grandes famílias controlam agrupamentos planetários sob a suserania de um imperador, que detém pouco ou quase nenhum controle sobre tais grandes famílias.

Ainda, apesar de ser uma ficção científica, a obra de Herbert (1984) foca em aspectos humanos, sociais e políticos que permeiam o universo de *Duna*, ou seja, a tecnologia não é objeto de enfoque do escritor, pois, dentro da saga, os humanos abdicaram de computadores e tecnologias, pois tiveram de enfrentar uma grande revolta de máquinas (ou da inteligência artificial e robótica denominada por Herbert como “*Jihad*² Butleriana”) que quase aniquilou os seres

¹ Tal saga é dividida em seis livros, respectivamente em ordem do ano de lançamento: *Duna* (1965), *O Messias de Duna* (1969), *Os Filhos de Duna* (1976), *O Imperador Deus de Duna* (1981), *Os Hereges de Duna* (1984) e *As Herdeiras de Duna* (1985). Os outros livros da série abordam as transformações do universo de *Duna* ocasionadas pela queda do regime imperial e ascensão ao poder dos Atreides através dos exércitos Fremen e da eminência parda da ordem das Bene Gesserit.

² Cita-se que termos muçulmanos como *Jihad* transcrito literalmente do árabe como “luta” ou “empenho”, foram muito utilizados por Herbert para criar o ambiente político e social de *Duna*. Aliás, como define Cécile Morrison (2009), o termo *Jihad* denota alguns aspectos das guerras

humanos, que acabaram por destruir a Terra, provocando a busca humana por outros lugares no universo para colonização e expansão.

Dessa forma, todo o trabalho científico e intelectual é realizado por pessoas-computadores, ou mentais, e as tecnologias se limitam a máquinas simples controladas apenas por seres humanos, assim, toda a tecnologia desse universo se dá por meios analógicos ou biológicos. Ainda, as viagens interestelares são realizadas através de uma grande corporação espacial, uma guilda que monopolizou as referidas viagens.

Aliás, as guildas³ são um importante meio de poder em Duna, pois controlam a economia (através da Corporação Espacial) e a religião (através de uma ordem religiosa de mulheres, chamada de Bene Gesserit).

Cita-se também que em Duna (1984) todas as contendas e conflitos bélicos se dão através do combate corpo-a-corpo, por meio de espadas, adagas e outros tipos de armas brancas, visto que nesse mundo, todos possuem “escudos de força” que os protegem de armas de longa distância.

Mas de onde vem o nome Duna? Duna é o nome utilizado por povos do deserto que residem em Arrakis, um planeta inóspito e com condições de vida terríveis, mas que possui um produto vital para o funcionamento de todo o sistema político e econômico desse universo: a melange, ou especiaria, que permite alongar a vida de quem a utiliza, ainda possibilita a presciência nas viagens espaciais, possibilitando que os pilotos das naves da Corporação Espacial desviem de asteroides, cometas ou caminhos perigosos durante as referidas viagens.

Os povos que habitam Duna, chamados de Fremen, são povos nômades e guerreiros habilidosos e fanatizados religiosamente (por intermédio da influência da Ordem das Bene Gesserit) que esperam ansiosamente a vinda de um Messias, ou *Mahdi*, que os libertará da opressão e das condições péssimas de vida que encontram em Arrakis/Duna. Ademais, importante salientar que a melange é produzida através de vermes gigantes que habitam o enorme deserto de Arrakis.

Neste ínterim, o planeta é controlado por uma das grandes famílias que permeiam o universo de Duna, a Casa dos Harkonnen. Tal família tem uma rivalidade milenar com outra grande casa desse mundo, a Casa dos Atréides, liderados pelo carismático e popular Lorde Leto, que causa temores ao Imperador do universo, da Casa Corrino, que receia perder seu trono.

As grandes famílias que dominam o universo de Duna formam um grande conselho, chamado de “Conselho de *Landsraad*”, para manutenção do equilíbrio desse universo e todas detêm armas atômicas!

Dessa forma, através de uma conspiração para destruir os Atréides, o imperador e os Harkonnen se aliam, e ordena-se que os Atréides assumam o controle e administração de Arrakis para depois serem cercados e exterminados por forças Harkonnen e soldados do imperador disfarçados.

santas islâmicas contra os infiéis (aqueles que não seguem o Islã ou aqueles considerados de uma corrente herege da religião).

³ Pode-se caracterizar a definição de guilda como sendo uma organização medieval de pessoas de certa profissão ou então uma corporação de ofício. As primeiras guildas medievais foram formadas por artesãos, geralmente pedreiros, mas as mais poderosas foram as corporações de mercadores/comerciantes. Também existiram guildas sem caráter econômico, como as religiosas, de lazer ou guildas beneficentes (LE GOFF, 2016).

Sem se alongar demais, o filho de Lorde Leto, Paul Atreides e sua mãe, Lady Jéssica, uma Bene Gesserit, conseguem sobreviver ao massacre e se escondem entre os Fremen. Através das habilidades marciais e carisma de Paul e dos estratagemas de Lady Jéssica, através da manipulação dos costumes e crenças dos Fremen, Paul se torna o grande líder e tão sonhado Messias desses povos, unindo-os em uma horda de fanáticos religiosos e grandes guerreiros do deserto que acarretará na derrubada do antigo imperador e numa nova dinastia no universo de Duna.

Feitas as explanações básicas para se compreender os aspectos chave da obra, deve-se tentar depreender como as situações históricas da época em que ela foi construída e desenvolvida ensejaram a criação desse universo tão rico e complexo pela mente brilhante de Frank Herbert. O autor viveu em um dos períodos mais turbulentos da história da humanidade, passando pela guerra mais mortífera⁴ já vista e pela real possibilidade de destruição do planeta em decorrência das armas nucleares.

Dessa feita, a obra é permeada por referências em relação ao destrutivo poder da ameaça de guerra nuclear, tanto que, três anos antes de lançamento de Duna, ocorreu a grave crise dos mísseis de Cuba⁵, o que afetou grande parte da humanidade que temeu a destruição da vida na terra. Ainda, a obra não enfoca em tecnologias avançadas, armas sofisticadas e máquinas pensantes, pois, em decorrência das tecnologias bélicas e tecnológicas, Herbert vivenciou o morticínio da Segunda Guerra e o medo constante do conflito nuclear entre EUA (Estados Unidos da América) e URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas).

Assim como ocorreu com outros grandes escritores do período, a citar J. R. R. Tolkien (1892-1973), criador da saga “O Senhor dos Anéis”, que também passaram pelos traumas do início e metade do Século XX, Herbert preferiu focar em sua obra questões mais filosóficas, relações mais humanas, sem o caráter maniqueísta de Tolkien⁶, mas mesmo dessa maneira, evitou abarcar questões atinentes à tecnologia, por isso em seus livros, inexitem robôs e os combates são corpo a corpo.

Antevê-se então que os horrores do Século XX influenciaram e muito as escritas de Herbert e sua perspectiva em um mundo “medievalizado”, focado mais nas relações e conspirações humanas do que em máquinas e tecnologias avançadas. Aliás, o escritor sempre foi um admirador do período histórico medieval e como se verá a seguir, sua obra é permeada de referências que ensejam essa afirmação.

Os fatos históricos que embasaram Duna

Como dito anteriormente, ao folhear as páginas de Duna, antevê-se claramente que o escritor Frank Herbert baseou seu mundo sob a forte influência de características que ensejaram a Idade Média (476 d.C a 1453 d.C⁷). Outra faceta do período, também notória em Duna, é abordada por Umberto Eco (2010, p. 22) que diz que:

⁴ A Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

⁵ Em 1962, a URSS tentou a instalação de mísseis balísticos em Cuba, o que quase causou um conflito bélico nuclear entre os soviéticos e os EUA, foi o momento mais próximo de uma guerra nuclear entre as duas potências durante toda a Guerra Fria (1947-1991).

⁶ No aspecto de que em sua obra existe uma distinção bem clara entre o bem e o mal, entre heróis e vilões. Isso não ocorre em Duna, já que os personagens da obra são muito humanos, com qualidades e defeitos.

⁷ Que iniciou com a deposição do último imperador romano do Ocidente, Rômulo Augusto, e terminou com a conquista de Constantinopla pela mão dos Otomanos (LE GOFF, 2016).

A Idade Média elaborou não só uma constante tensão para o Além, mas também um sentimento visionário do mundo terreno e da natureza. O homem medieval via o mundo como uma floresta cheia de perigos, mas também de revelações extraordinárias, e a Terra como uma extensão de regiões remotas povoadas por seres esplendidamente monstruosos.

Para mais, em *Duna* o sistema político era marcado por uma oligarquia fragmentária, de que o universo era governado por famílias aristocráticas, acarretando dispersão de poder. O controle econômico era monopolizado por guildas e os seres humanos se encontravam sob o domínio de crenças, religião e costumes por intermédio da interferência de uma congregação religiosa. Todas essas particularidades do universo criado por Herbert coadunam claramente com a vida medieval em suas principais características.

O feudalismo, as guildas, a influência da Igreja Católica e a ascensão do Islamismo e dos povos árabes, sob a batuta de um profeta⁸, além da criação de uma nova religião monoteísta com ritos e costumes baseados no Cristianismo e no Judaísmo, atribuições que definiram, segundo Le Goff (2016), tal período da civilização humana, também serviram de base para a construção do mundo ficcional de *Duna*.

Da mesma maneira que o “homem medieval permanecia sempre atento aos fenômenos em que acreditava ler a vontade de Deus” (MORRISSON, 2009, p. 67), as pessoas no universo de *Duna* também eram orientadas em suas vidas com base nas crenças e religião.

Foca-se mais aprofundadamente, nos mundos árabe e muçulmano, pois em *Duna*, palavras e peculiaridades do mundo islâmico utilizados na saga reforçam essas prerrogativas, como os termos *Jihad*, *Naib*⁹ e *Mahdi*. Ainda se citam os costumes, o sistema tribal e de crenças, muito anteriores à própria ascensão do Islã, enquanto ainda localizado apenas no Oriente Médio.

O messianismo presente na obra na figura do profeta, do *Mahdi*, também encontra respaldo nas três grandes religiões monoteístas do mundo: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Tanto que essa busca ensejada pela crença suscita vários conflitos bélicos dentre povos diferentes, e na Idade Média o exemplo mais latente se dá pela ocorrência das Cruzadas¹⁰ (MORRISSON, 2009).

Faz-se o parâmetro entre o choque entre os povos do deserto, os Fremen, e o Império Corrino, arrogante e decadente, claramente baseado tanto no Império Persa Sassânida, que foi destruído pelas forças islâmicas e no Império Romano do Oriente¹¹, que perdeu mais da metade de seus territórios pelas invasões dos povos árabes muçulmanos (LE GOFF, 2016), que, do mesmo modo, suscitam entre leitores atentos essas semelhanças.

Para mais, o já referido sistema feudal, fragmentado e disperso politicamente, demonstra claramente como era o mundo medieval, dividido entre famílias, facções e religiões diferentes. Sob esse prisma, o mundo de *Duna* também

⁸ Maomé, que transformou várias tribos nômades em um império gigantesco, culto e avançado tecnologicamente que dominou a bacia do mediterrâneo, partes da Europa, da Ásia e todo o Levante/Oriente Médio (ECO, 2010).

⁹ Chefe, autoridade tribal ou traduzido literalmente do árabe: deputado, representante de autoridade.

¹⁰ Segundo Morriison (2009, p. 1) as Cruzadas foram: “[...] movimentos militares que partiram da Europa Ocidental e cujo objetivo era colocar a Terra Santa (nome pelo qual os cristãos denominavam a Palestina) e a cidade de Jerusalém sob a soberania dos cristãos. Estas expedições estenderam-se entre os séculos XI e XIII, época em que a Palestina estava sob o controle dos turcos muçulmanos”.

¹¹ Denominado pejorativamente por historiadores, principalmente na época do Iluminismo, como Império Bizantino (ECO, 2016).

o é, claramente dividido em feudos planetários controlados por famílias nobres, enquanto o restante da população estava à mercê desses grandes senhorios.

Ademais, o mundo de Duna, assim como o mundo medieval, é revestido pela figura de líderes religiosos que detêm grande poder e influenciam os rumos políticos desse universo, da mesma forma que ocorria na Europa controlada pela Igreja Católica. A única diferença é que Herbert transfere esse poder para figuras femininas, a Congregação das Bene Gesserit.

Outro ponto importante a salientar é que assim como em Duna, a Idade Média foi uma época de poucas mudanças socioeconômicas, no sentido de que o sistema feudal dificultava o acesso à educação, além de que as tecnologias e as ciências estagnaram, dando lugar a credices populares e ao medo advindo da influência religiosa (LE GOFF, 2016).

Apesar disso, as grandes corporações feudais, as guildas, cresciam de forma rápida e arrebatadora, formando assim um intrincado sistema econômico entre vários pontos do mundo e no universo de Duna, mundos. Salienta-se que as guildas ensejaram posteriormente o mercantilismo, e porque não, denotaram um sistema protocapitalista (LE GOFF, 2016).

Além disso, também é claro o papel da melange em Duna, assim como as especiarias¹² detiveram papel central na vida das pessoas no período medievo. Conectam-se assim, as viagens interplanetárias de Duna com a Rota da Seda, que interligou o Oriente ao Ocidente, ensejando a troca de produtos, culturas e conhecimento (LE GOFF, 2016). O papel da especiaria, tanto em Duna quanto na Idade Média, deteve papel de destaque para o funcionamento político, social e econômico desses mundos.

A ascensão do islamismo da mesma maneira denota a construção de um império iniciado pela pregação de um profeta, Maomé, entre as tribos árabes e Paul Atreides¹³ entre os Fremen de Duna. Esse messianismo encontrado na obra de Herbert, também sofre de enorme influência da religião e das crenças do mundo muçulmano.

A caracterização de Arrakis/Duna demonstra, do mesmo modo, as influências que Herbert sofreu ao observar e estudar dos povos do deserto do Levante e do Norte da África. Um gigantesco deserto, onde as pessoas lutam diariamente por suas vidas e pelas extremas e dificultosas condições de sobrevivência, cujo bem mais precioso é a água, pode abarcar tanto os povos árabes e bérberes das referidas regiões como os Fremen da obra de Frank Herbert.

Salienta-se que outra característica marcante em Duna se trata do quesito bélico, todas as guerras são travadas por meio de combates corpo a corpo, por estratégias e táticas que profusamente envolvem pessoas, animais e a força física e não meios tecnológicos e armas de longo alcance e destruição. Logo, rememoram-se em Duna as guerras medievais, encabeçadas por cavaleiros, espadachins, escudos, sangue, poeira e detritos (MORRISSON, 2009).

Dessa maneira, ao ler a obra de ficção científica aqui brevemente analisada, verifica-se claramente que sua construção ensejou uma extensa pesquisa e estudos acerca do período medieval perpetrados pelo escrito Frank Herbert.

¹² Pimenta, gengibre, cravo, canela, noz moscada, açafrão, cardamomo, ervas aromáticas, dentre outras.

¹³ Entre os Fremen, Paul era conhecido como *Muad'Dib*, que era o nome dado a um roedor do deserto com grandes capacidades de sobrevivência e adaptação (HERBERT, 1985).

Ainda, ao se ler a obra como forma de estudos e de lazer, também se pode revisar ou aprender conteúdos relacionados à história do nosso próprio mundo.

Considerações finais

Intuiu-se neste trabalho, realizar uma conexão entre uma obra de ficção científica e eventos que moldaram a civilização humana, especificamente aqueles que ocorreram durante a Idade Média. A literatura se mescla a fenômenos históricos para a constituição de conhecimento e para fomento da educação e do ensino.

A literatura, analisada em duas vias, do ponto de vista ficcional e também acadêmico e didático, pode ser utilizada como meio para pavimentação de uma via do saber mais significativa, pautada por readequações pedagógicas que visam, sobretudo a busca pelo melhoramento do ensino.

Dessa forma, observou-se que, ao analisar um livro de ficção científica, no qual se podem encontrar várias influências da História para seu desenvolvimento, alinhá-lo com o ensino, numa perspectiva de uma prática pedagógica inovadora, é capaz de transformar o ambiente acadêmico.

O livro abordado neste artigo, *Duna* de Frank Herbert, além de ser um grande marco da ficção científica, detém uma narrativa que abarca várias questões acerca de política, economia, religião e condutas humanas. Influenciado pelo medievalismo, o livro ainda possui várias temáticas que ensejam fatos históricos enfocados na Idade Média.

Sendo assim, tornou-se agradável interligá-lo à temática do ensino de História, pois suas nuances são interessantes para se incitar outras maneiras de estudos e pesquisas que não didáticas e acadêmicas, mas enfocadas na leitura de ficções, que apesar de assim o serem, também carregam conteúdos que possibilitam conhecimento e educação.

A obra literária ficcional estudada traz muitos elementos e referências voltadas a temáticas históricas e muitos desses elementos foram mencionados no decorrer deste artigo. Ademais, o livro como uma forma de auxílio pedagógico ao professor de História, que intui expor conteúdos relacionados à Idade Média e suas características basilares, acarreta numa experiência inovadora de ensino e aprendizagem, utilizando-se apesar disso, métodos não tecnológicos ou revolucionários para o melhoramento significativo da exposição do conteúdo, do incentivo à leitura e à busca pela aprendizagem por outros meios que não os tradicionais.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. *História e pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CUNHA, Maria Isabel da. Formação docente e inovação: epistemologias e pedagogias em questão. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores. XIV ENDIPE: Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- ECO, Umberto. *Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos*. Portugal: Dom Quixote, 2010.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. *História e ensino de história*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- HERBERT, Frank. *Duna*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1984.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MORRISSON, Cécile. *Cruzadas*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

Submissão: 22/03/2020

Aceite: 06/07/2020